

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Por que choras?
O lugar da sensibilidade em uma tribo juvenil contemporânea: os Emos**



Ângela Schirmer Simão

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Ângela Schirmer Simão

**Por que choras?
O lugar da sensibilidade em uma tribo juvenil contemporânea: os Emos**

**Porto Alegre
Primavera de 2008**

Ângela Schirmer Simão

Por que choras?
O lugar da sensibilidade em uma tribo juvenil contemporânea: os Emos

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador:

Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos

Porto Alegre

2008

Lasciva criatura..
Cujos negros olhos vertem sangue ... impurezas da alma postas à fora.
Em nênia profunda permite-nos decifrar em si um misto de amor e ódio
Quão difícil é compreendê-la...
Enquanto seres divinos sofrem ... você goza de seus vícios junto de mim
Nossos medos nos injuriam, e saudamos ao mestre
Enquanto demônios bailam em nosso inconsciente
Cabe a nós a superioridade
Pormos a grinalda mirrada do mestre...
Sobre nossas fronte
Secos crânios, tal qual bulbos dilacerados
Cremos que o mundo naum acabará pelas mãos de Deus [...]
[...] Mas renascerá no abraço dos condenados

→ BruXiinha ←

(14/10/2008 - Comunidade Odeio Preconceito Contra Emo)

RESUMO

Sensível às múltiplas identidades juvenis contemporâneas e ciente da necessidade de problematizá-las, elegi uma das tribos juvenis (os Emos) para colocar em circulação alguns discursos sobre identidade, sexualidade e preconceito. Para tanto, apresento um conciso panorama sobre a temática da juventude, tal como ela tem sido descrita a partir de diferentes discursos, e analiso excertos de conversas estabelecidas entre jovens Emos em duas comunidades do Orkut (Odeio preconceito contra Emo e Um estilo chamado Emo) articulando-os com algumas cenas observadas em lugares freqüentados por tais jovens em Porto Alegre, RS. Detive-me, em especial, na análise daqueles excertos em que as temáticas da sexualidade e do preconceito eram centrais. Isso porque os Emos, por serem associados à emotividade e se dedicarem à produção de um visual específico (e.g., o uso de uma longa franja para meninos, característica-chave do “estilo” Emo), são reiteradamente alvos de desconfiança quanto à sua sexualidade. Assim, não foi difícil encontrar, em inúmeras postagens, relatos em que os jovens Emos desabafavam com seus pares os preconceitos que haviam sofrido tanto em casa quanto nas escolas. Este estudo destaca a necessidade de se prestar atenção às novas identidades presentes no cenário contemporâneo, em especial no que se refere à escola, espaço sócio-cultural que muitas vezes se apresenta como uma arena em que diferentes significados que circulam na sociedade se acirram e são tensionados.

Palavras-chave: Juventudes - Emo - Sexualidades

SUMÁRIO

<i>Apresentação.....</i>	<i>07</i>
<i>Afinal, o que é ser jovem? Falando sobre juventudes(.....)</i>	<i>10</i>
<i>Um estilo musical, um estilo de vida: o surgimento de uma tribo.....</i>	<i>15</i>
<i>Ensaio sobre o Orkut.....</i>	<i>25</i>
<i>Jovens Culturas.....</i>	<i>31</i>
<i>Emos: escapando dos binarismos?!.....</i>	<i>35</i>
<i>Hetero-Homo? Emo?.....</i>	<i>40</i>
<i>O fim do início.....</i>	<i>42</i>
<i>O início do fim.....</i>	<i>46</i>
<i>Referências.....</i>	<i>47</i>
<i>Referências Virtuais.....</i>	<i>49</i>

APRESENTAÇÃO

Este trabalho começou a ser idealizado durante a organização da I Conferência Nacional de Políticas Públicas para/com e de Juventude. Tal Conferência foi realizada em abril de 2008 pela Secretaria Nacional de Juventude em conjunto com a Secretaria Geral da Presidência da República, através de convênio firmado com o Instituto Paulo Freire. Nessa ocasião, tive a oportunidade de participar como integrante da Comissão Organizadora e apresentarei, a seguir, um pequeno relato sobre esse evento/essa experiência.

Quando os jornais datados de 2008 estiverem amarelados de tão antigos, não adiantará consultá-los. A I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude não repercutiu com alarde em vistosas manchetes nem ofereceu o sacrifício de mártires à memória nacional. Mas que as próximas gerações possam saber: foi um acontecimento histórico. Um amplo processo de diálogo, que envolveu mais de 400 mil pessoas e culminou em uma grande reunião em Brasília, entre os dias 27 e 30 de abril de 2008. Foram cerca de 2,5 mil participantes na etapa nacional, e eles não ergueram prédios nem monumentos como candangos¹ de outra época, foram à capital federal para construir seu próprio legado.

Os jovens não se omitiram, entre outros posicionamentos, disseram “sim” à legalização do aborto. Disseram “não” à redução da maioria penal e à discriminação dos jovens negros. Exigiram ser letra viva nas páginas da Constituição, com a Proposta de Emenda Constitucional da Juventude. Além disso, eles africanizaram a pátria amada: o hino nacional foi cantado no embalo de uma vigorosa batucada. De pé, ovacionaram aqueles e aquelas que não podem se levantar de suas cadeiras. Revelaram que o tesouro que se esconde ao final do arco-íris é um pote cheio de diversidades.

Fiel à temática da Conferência a que me propus contribuir na organização, procurei, neste trabalho, ir além, ou seja, ampliar, complexificar, problematizar e talvez pluralizar ainda mais o debate sobre as juventudes² contemporâneas e, por consequência, a própria educação.

¹ No passado, este termo era utilizado pelos africanos para designar os portugueses. Entretanto a grande massa de construtores da nova capital era constituída tanto por descendentes de africanos, como de portugueses, além dos descendentes de muitas outras nacionalidades. Ser candango passou a ser sinônimo de pioneiro. <http://www.unb.br/ics/dan/Serie203empdf.pdf>.

² Não explorarei neste trabalho, as fronteiras de significado entre juventude/jovens e adolescência, preferi utilizar os termos “juventudes/jovens” por entender que eles têm um sentido mais abrangente.

As concepções tradicionais de cultura estão sendo revisitadas, criticadas e até mesmo amplamente revistas porque implicam enorme diversificação de temas e questões. Complexas, plurifacetadas e minuciosas tecnologias caracterizam a era fluída em que vivemos, encarregando-se de inscrever-nos em um ambiente em que fronteiras consagradas entre realidade e ficção, entre experiência e representação, entre público e privado parecem desaparecer.

É a partir da consideração das especificidades e das singularidades do momento atual, sobretudo no que se refere às juventudes, que procurarei consolidar meu trabalho em articulação com os Estudos Culturais, sendo essa a perspectiva central.

Para dar conta dessas questões apresentarei, no primeiro momento, um panorama sobre a temática da juventude tal como ela tem sido descrita (a partir de inúmeros discursos) na contemporaneidade. Procurarei também, estudar representações e construções de estilos diferentes que tem sido pouco problematizados em relação à juventude.

Com o objetivo de pensar como algumas práticas culturais entre jovens, mais especificamente entre os chamados *Emos*, vêm se constituindo, analiso um conjunto de postagens presentes em tópicos de conversas apresentadas em duas comunidades do *site* de relacionamentos intitulado Orkut³. Elas são: *Odeio preconceito contra Emo* e *Um estilo chamado Emo*. Para a elaboração do estudo, primeiramente, verifiquei quais eram os tópicos relacionados às características, ao preconceito e à sexualidade dos participantes de tais comunidades, de modo que pude contemplar 20 tópicos com aproximadamente 900 postagens, no período compreendido entre janeiro e outubro de 2008. Num segundo momento, selecionei 50 postagens (em média) que continham expressões significativas para o estudo em questão e, por fim, procurei apresentar estrategicamente, ao longo do texto que segue, as mais emblemáticas.

O nome Emo vem de *emotional hardcore*, vertente do *punk rock* que mescla som pesado com letras românticas. Este gênero intitulado de *emocore* surgiu em Washington, nos

³ O orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social. É a rede social com maior participação de brasileiros, com mais de 23 milhões de usuários. Wikipédia (2008).

Estados Unidos, na década de 80, para denominar bandas com batidas pesadas, mas com letras introspectivas que falavam de sentimentos⁴.

Considerando as múltiplas possibilidades de integrar e aliar áreas de conhecimento, busquei inspiração em alguns caminhos já percorridos nas etnografias pós-modernas, de modo que optei pela realização de leituras, análise e composição de registros para descrever as diversas formas de expressão pertencentes ao movimento Emo, utilizando os princípios das *observações-participantes* que, como uma metodologia de investigação, “pressupõe que é somente através da imersão no cotidiano de uma outra cultura, de um outro grupo o/a pesquisador/a pode chegar a compreendê-la” (SANTOS, 1997, p.82). Entre tais expressões, destaquei o gosto musical, territórios, a escolha das vestimentas, linguagens, marcas corporais, etc., que colaboram com a confirmação da existência dessa “tribo” juvenil aos olhos dos outros. Em razão das dificuldades que se apresentam para a apresentação de imagens num trabalho desta ordem (por exemplo, termo de consentimento livre e esclarecido), recorro à descrição de algumas cenas que presenciei em determinados locais (Shoppings Olaria, Total, Praia de Belas e Bourbon Country e Parque da Redenção) da cidade de Porto Alegre. Essas cenas apresentam descrições das vestimentas, acessórios e comportamentos observados para que o leitor possa compor uma imagem dos jovens Emo.

⁴ Wikipédia, 2008 : <http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo>.

AFINAL, O QUE É SER JOVEM? FALANDO SOBRE JUVENTUDES...



5 Liniers

Uma primeira dificuldade quando se quer falar de juventudes tem sido determinar qual é a faixa etária que as define. Em tese, o jovem vira “gente grande” quando conclui os estudos, começa a trabalhar, vai morar sozinho, se casa e tem filhos. Acontece que esse roteiro linear já não é mais tão comum: os jovens parecem estar tendo que conciliar escola com profissão. Muitos, com pouca idade, já cuidam de seus filhos, outros passam dos trinta e continuam na casa dos pais. Dados do Instituto Cidadania (2003) apontam que um quinto dos jovens têm filhos e que 83% dos jovens solteiros não pretende sair ou vai esperar mais para deixar a casa dos pais.

Diante deste prolongamento da experiência juvenil na vida das pessoas, o Conselho Nacional de Juventude considera as seguintes faixas: “a juventude congrega cidadãos e cidadãs entre os 15 e os 29 anos. Nesse caso, podem ser considerados os Adolescentes-Jovens - entre 15 e 17 anos, os Jovens-Jovens - entre 18 e 24 anos e os Jovens-Adultos - entre 25 e 29 anos”⁶. (CONJUVE, 2006).

A juventude não parece se constituir apenas em uma breve passagem da infância para a vida adulta, pois tem um sentido em si e é uma fase marcada por intensas experimentações e importantes decisões. Enquanto as crianças e muitos jovens dependem da tutela do Estado e

⁵Liniers ou Ricardo Liniers Siri é um quadrinista argentino. Ele é descendente do vice-rei de Buenos Aires Santiago de Liniers. Ávido leitor, muito novo conheceu a obra de Hergé, Goscinny e Uderzo, Quino, Héctor Germán Oesterheld, Francisco Solano López, Charles Schulz e Herriman. Estudou publicidade, mas não se dedicou a ela. Todas as tiras apresentadas neste trabalho foram retiradas do site <http://autoliniers.blogspot.com/>, veja também <http://www.porliniers.com/>, e inseridas de modo estratégico nos temas abordados ao longo do texto para livre associação com autorização prévia do autor.

⁶ Com essa definição o governo está decidindo a quem serão destinados recursos, sob a forma de políticas públicas de juventude.

da família para viver em plenitude, outros jovens já são capazes de optar sozinhos por parte de seus caminhos.

Este momento parece ser único na vida de uma pessoa. É Preciso reconhecer essa singularidade: como segmento social, que partilha de uma identidade geracional, os jovens têm questões próprias que são diferentes das questões de outros grupos etários.

Ao mesmo tempo, quando olhamos para a juventude vemos um mosaico. Os jovens são de diversas raças/etnias, classes sociais, pensam e agem de maneiras variadas e estão por todo o país: na paisagem urbana, no campo, nas florestas, nas beiras dos rios, nas aldeias, enfim, nessa rica diversidade. Não tive a intenção aqui nem de apresentar a juventude perigosa das manchetes policiais sensacionalistas, nem mesmo a dos noticiários, nos quais os jovens, geralmente de setores populares, aparecem como desordeiros e violentos. Nem a juventude consumista e supostamente alienada dos anúncios de tevê, quando aparecem como personagens bonitos, saudáveis, alegres e despreocupados, que se oferecem como modelos de consumo e de um estilo de vida aos quais poucos têm acesso.

Num primeiro momento, como havia sinalizado, busco apresentar um panorama sobre a juventude contemporânea de um modo mais generalizado, tal como freqüentemente ela parecer ser vista pela sociedade.

Trata-se, assim, de um complexo, numeroso e diverso contingente de pessoas.

No Brasil a juventude parece ter ganhado espaço na mídia, nos debates públicos e nas pesquisas acadêmicas. Uma das razões para essa recente visibilidade tem aspectos mais concretos. É que atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2007), cerca de 50,5 milhões de brasileiros, um quarto da população do país, têm entre 15 e 29 anos. Esse grupo etário nunca foi, e nem será tão numeroso, em termos absolutos, como é hoje, desde que se mantenham as tendências demográficas.

Esta “onda jovem” parece ter gerado, ao mesmo tempo, preocupação e esperança. Uma das preocupações reside no fato de o Estado não ter se preparado para receber adequadamente esse enorme contingente de jovens. A oferta de bens e serviços públicos é insuficiente. O ensino médio ou o mercado de trabalho, por exemplo, ainda parecem não atender a todos. Soma-se a isso o baixo conhecimento do poder público sobre aquilo que se pode chamar de realidade juvenil. Além disso, não se pode desconsiderar as profundas transformações que as configurações familiares vêm passando, por exemplo, jovens que

assumem a chefia da casa, irmãos e irmãs que se incorporam à prole vinda de outros casamentos estão modificando as relações de convivência doméstica e parentesco.

A escola, por sua vez, parece há muito não conseguir motivar os estudantes e dar sentido às suas experiências educativas. Aqui parece coerente citar Dayrell quando refere que:

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. A escola como espaço sócio cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais. (DAYRELL, 1996, p. 137).

O resultado desta equação pode ser alarmante: atualmente, a maioria dos jovens que parte em busca de trabalho encontra barreiras para conseguir e manter uma atividade remunerada. A juventude parece, também, ser vista como vítima ou agressora, e principal protagonista da violência nos grandes centros urbanos, além disso, enfrenta dificuldades para concluir os estudos e ingressar na universidade.

Dados do IBGE (2007) mostram que quase a metade dos desempregados do país é composta por jovens. Em média, eles ganham menos da metade do que ganham os adultos (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, 2006). Além disso, a taxa de homicídios entre os jovens é 2,5 vezes maior do que entre os outros segmentos etários. Enquanto o número de assassinatos se manteve estável no restante da população, entre a juventude esse índice cresceu 81,6% nos últimos 22 anos (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, 2002).

Por essas e outras, é possível afirmar que os brasileiros jovens foram afetados pelo modelo econômico adotado nas últimas décadas, que aprofundou significativamente a exclusão

social. Muitos não desfrutam dos seus direitos mais fundamentais. Se considerarmos cidadania a partir da definição apresentada pelo Mini Dicionário Houaiss (2003, p.111), qual seja, “condição ou direito de cidadão”, poderemos dizer que para muitos jovens, por enquanto, ela ainda é uma cidadania incompleta em temas que parecem ser primordiais como educação⁷, tempo livre⁸, cultura⁹, trabalho¹⁰, família¹¹, drogas¹², meio ambiente¹³, participação¹⁴, sexualidades e direitos sexuais¹⁵, entre outros.

Um olhar superficial sobre essa situação pode nos fazer pensar que a juventude é um problema. Esse tipo de visão parece resultar num tipo de política pública em que o jovem deve ser controlado nas suas manifestações e domesticado no seu comportamento. Ao contrário dessa, porém, se fortalece cada vez mais outra visão: a de que a juventude pode contribuir para as soluções dos problemas. De acordo com a pesquisa “Dossiê Universo Jovem”, feita com jovens das classes A, B e C, entre 12 e 30 anos, realizada pela MTV¹⁶ e referida em Aquino e Soares:

A cultura jovem ocidental é uma cultura planetária desde os anos 50, década em que começaram a surgir ícones como James Dean e Elvis Presley. Depois vieram Beatles, Rolling Stones, Madonna. [...] Fosse

⁷ Apenas 40% dos jovens brasileiros concluem o Ensino Médio (Inst. de Pesq. Econômica Aplicada 2005). Apenas 3,6% dos jovens entre 20 e 24 anos chegam à Universidade (Instituto Cidadania 2003).

⁸ 56,6% dos jovens não praticam atividade esportiva regularmente. Entre as mulheres, o índice é de 80,7% e entre os homens de 32,1% (UNESCO, 2004). Entre os programas que os jovens mais gostam de fazer no tempo livre, mas nunca fazem por vários impedimentos, estão as atividades de lazer (43%), seguidas de atividades culturais (24%) e esportivas (7%) (UNESCO, 2004).

⁹ 87% dos jovens de 15 a 24 anos que moram nas cidades e 95% dos que moram no campo nunca participaram de projetos culturais promovidos pelo governo ou por ONG's (Instituto Cidadania 2003).

A média de leitura por ano no Brasil é de 1,8 livro por pessoa (IBGE e IPEA, 2007).

¹⁰ 45,5% dos desempregados das seis maiores regiões metropolitanas do Brasil têm entre 16 e 24 anos. (DIEESE, 2006).

¹¹ Apesar da redução no número médio de filhos por mulher em todo o país, houve um ligeiro aumento na propoção de meninas de 16 a 17 anos com filhos, entre 2004 e 2005, de 6,8 para 7,1%.

¹² 14% dos jovens brasileiros iniciam o uso de bebidas e cigarros com idade entre 14 e 17 anos. A facilidade em conseguir esses produtos através do comércio, é um dos fatores que levam os jovens para o consumo. (Unidade de pesquisa em Álcool e Drogas – Uniad, UNIFESP 2007).

¹³ O Brasil produz 240 mil toneladas de lixo por dia. Apenas 2 % desse lixo é reciclado. Atítulo de comparação, o percentual de lixo urbano reciclado na Europa e nos EUA é de 40%. (www.reciclagem.net). Acessado em 10/10/2008.

¹⁴ 59% dos jovens acham que o melhor jeito para resolver os problemas do país é a participação da população nas decisões importantes do governo. (Insituto Cidadania,2003).

¹⁵ 25% dos jovens entrevistados não gostariam de ter um homossexual como colega de classe (Pesquisa Juventude e Sexualidade, UNESCO,2004). Registra-se um crime de ódio anti-homossexual a cada três dias. Uma média de 100 homicídios anuais. A partir de 2000 essa média vem aumentando: 125 crimes por ano, sendo que em 2004 atingiu um recorde: 158 homicídios (Grupo Gay da Bahia, 2005). 32% dos homens homossexuais já sofreram algum tipo de discriminação em ambiente escolar. (APOGLBT, 2007).

¹⁶ MTV (Music Television) é um canal de televisão pago estadunidense que está sediado em Nova Iorque. Originalmente, a programação da MTV era dedicada completamente a videoclipes, especialmente de rock. Depois, a MTV tornou-se um canal com diferentes materiais destinados a adolescentes e jovens. Wikipédia 2008.

brasileiro, americano ou francês, o jovem se identificava com os mesmos ídolos. Ele pertencia mais a sua faixa etária que de seu país. O que a globalização trouxe de novo a esse cenário foi a velocidade [...]. Tal pesquisa revela também que apesar de essa geração ser a mais bem informada de todos os tempos, não consegue utilizar de maneira produtiva o volume de dados que recebe, principalmente em relação à sexualidade (AQUINO e SOARES, 2003. p.86-7).

Os estudos culturais concebem a educação como um processo mais amplo, não restrito somente às práticas desenvolvidas na escola ou especificamente na sala de aula. Considerando os estudos sobre educação e cultura como possibilidades de análise sobre outras práticas culturais, também presentes em espaços escolares, que não se restringem exclusivamente ao campo pedagógico.

Cumpra aqui ressaltar o esforço para dar visibilidade às práticas culturais produzidas, compreendendo práticas culturais como as diversas ações, processos de significação, ressignificação, empreendidos e/ou vivenciados por esses jovens.

Sem perder de vista a premissa de Garbin (2001) de que ser jovem em uma leitura atual, é partilhar de uma identidade juvenil – é assumir uma prática cultural. As juventudes hoje podem ser compreendidas como comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento.

Mais que promessa, pode-se dizer que a juventude brasileira se constitui como um dado da realidade: os jovens, em considerável proporção, estão interessados e ativos, desenvolvendo outras formas de engajamento por mudanças éticas, políticas, ambientais e culturais.

Entre preocupações e esperanças, uma coisa parece ser certa: é preciso falar sobre juventudes.

UM ESTILO MUSICAL, UM ESTILO DE VIDA: O SURGIMENTO DE UMA TRIBO



O termo EMO é a abreviação da expressão em inglês *Emotional Hardcore* e foi dado ao estilo musical proveniente do punk rock. Surgida nos anos 80, em Washington DC. A música Emo, ou *emocore* (contração de *emotional hardcore*), mescla o som pesado, característico do punk, com letras introspectivas e românticas. Conflitos com os pais, decepções amorosas, indignações com o mundo são alguns dos temas abordados nessas letras. O estilo musical Emo surgiu através de bandas como *Rites of Spring* e *Embrace*, que tinham um som parecido com o punk original, mas com um ritmo um pouco menos acelerado e com canções mais emotivas. Bandas de hardcore já estabelecidas, como *7 Seconds* e *Scream*, aderiram a esse novo estilo *emocore*, escrevendo letras mais introspectivas e acrescentando influências do rock alternativo da época.

A título de ilustração do conteúdo das músicas, segue a letra da canção “Theme (If I Started Crying)” do grupo Rites of Spring:

Cruelty is the better part of your honesty
 And when you're so direct it's just for yourself to protect
 And if I started crying, would you start crying?
 Now I started crying, why are you not crying?
 Sometimes, when I see a world inside
 Sometimes, when I, I try, I really try
 And hope's just another rope to hang myself with
 To tie me down till something real comes around
 And if I started crying, would you start crying?

And if I started crying, why are you not crying?¹⁷

Em 1982 as bandas Emo começaram a usar berros e gritos durante as apresentações, intensificando a música emcore. A partir de 1991, criou-se uma esfera caótica, com vocais abrasivos e passionais. Com *Heroin* e *Portraits of Past* o estilo chega ao seu nível extremo¹⁸.

Essas bandas pioneiras mesclavam a energia do gênero *hardcore*¹⁹ com letras de teor fortemente pessoal e confessional, e suas performances ao vivo também eram comumente marcadas por extravasamentos empolgados e espontâneos de sentimento. Portanto, adicionou-se o “emotional” ao “hardcore” pra distinguir essa nova tendência, *emotional*, em inglês, significa emocional, alusão às letras das músicas, que transbordavam emoção. E assim apareceu o termo *emotional hardcore*.

Depois da valorização do Emo como estilo de vida, parece surgir o pós-EMO: desaceleraram-se as batidas rápidas características, abandona-se o punk distorcido e usa-se letras muito mais românticas do que de protesto (músicas dramáticas da letra ao som) com vocais intensos e melancólicos, falas de amor em um som de rock e com sentimentos de quem está descobrindo as próprias emoções.

Para demonstrar alguns elementos mencionados apresento a seguinte vinheta mostrando a letra de uma música composta pela banda gaúcha FRESNO, tal banda é referência nacional associada ao estilo *Emocore* (*Emotional Hardcore*) pelos jovens:

O PESO DO MUNDO

Será que eu não vou mais agüentar?
Será que eu não tenho onde ficar?
Será que vou suportar saber que tudo em minha volta é falso e sujo?
Será que vou continuar a carregar nas costas o peso do mundo?
Como é que eu consigo me acalmar, sem nunca explodir, chorar, gritar?
Como podem ser tão maus?

¹⁷ Tradução minha: Crueldade é a melhor parte da sua honestidade / E quando você é tão direta é só para proteger a si mesma / E se eu começasse a chorar, você começaria a chorar? / Agora eu comecei a chorar, por que você não está chorando? Às vezes, quando eu vejo um mundo lá dentro / Às vezes, quando eu, eu tento, eu realmente tento / E a esperança é só mais uma corda para eu me enforçar / Para me amarrar até que algo real apareça / E se eu começasse a chorar, você começaria a chorar?/E se eu comecei a chorar, por que você não está chorando? Disponível em: <<http://www.plyrics.com/lyrics/ritesofspring/themefistartedcrying.html>>. Acesso em 18 nov 2008.

¹⁸ Wikipedia 2008: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo>

¹⁹ Neste item, a autora compartilha diversas informações obtidas de maneira empírica, tendo como aval o fato de ter vivido experiências como observadora-participante estabelecendo *amizades* que forneceram conhecimento sobre os fãs do *estilo*.

Humilham, mentem, mudam o rumo da minha vida
 só porque eu não sou igual
 e ocupo todo o tempo sarando feridas.
 E eu quero viver sem ter que dar explicação
 E eu quero tirar espinhos do meu coração
 Me deixa pensar que assim eu vou sobreviver!
 Me deixa sonhar, amar, me auto-conhecer.

Auto-conhecer...
 Auto-conhecer...
 Auto-conhecer...

As bandas brasileiras *Fresno*, *NX Zero*, *CPM22* e *Retina*, são frequentemente referidas pelos jovens Emos como preferidas nacionalmente. As três primeiras foram indicadas nas categorias “Artista do Ano”, “Hit do Ano” e “Revelação” para o prêmio “*Video Music Brasil*” 2007, promovido pela MTV. Como não poderia deixar de ser, há muita gente que não considera essas bandas como Emo, e nem as próprias bandas ou as gravadoras se pronunciam firmemente quanto ao gênero, para evitar a polêmica. Mas parece não haver dúvida de que o sucesso dessas bandas é, de forma direta ou indireta, conseqüência da popularização dos Emos no Brasil. E é essa popularização da música Emo (hoje definida amplamente como rock pesado de letras românticas, que vem construindo no país, de alguns anos para cá, uma verdadeira *tribo* Emo). É nesse âmbito que *Emo* passa a designar algo além de uma categoria musical: Emo vira um estilo de vida, uma moda, uma linguagem, um adjetivo, um xingamento, etc. A seguir, apresentarei algumas características que identificam a tribo Emo como ela é vista atualmente, principalmente no Brasil.

Os jovens Emos parecem ter entre 11 e 18 anos (COTES, 2006) misturam roupas pretas com estampas de desenho animado, tênis All Star²⁰, botas punk, tênis rosa, colares de bolas, camisas justas, meias arrastão, presilhas no cabelo, cintos de rebite, piercings no canto

²⁰ All-Star é um modelo de tênis fabricado pela marca Converse. Surgiu em meados de 1917, porém sua popularização só ocorreu alguns anos depois, quando em 1923, foi criado o modelo *All Star Chuck Taylor*. Ele surgiu de uma parceria com o jogador de basquete estadunidense Chuck Taylor. Inicialmente, este tênis foi desenhado para a prática do basquete, uma vez que não existiam calçados especializados na época para a prática deste esporte. Posteriormente o calçado, começou a ser difundido por bandas como The Ramones, banda de punk rock do fim dos anos 70 e por artistas pop e pela mídia televisiva em meados da década de 80.

do lábio, longas franjas, pintam os olhos e cabelos, no frio usam cachecol, óculos de aro grosso e escuro também são muito populares.

Sobreposições também são muito usadas: camisetas de mangas curtas vestidas por cima de camisas ou camisetas de mangas compridas. Casacos esportivos retrô são populares, principalmente os das marcas Adidas ou Puma. Em termos de cores, predomina o preto, que expressa certa rebeldia, mas em contraste com cores vibrantes e estampas nostálgicas que representam uma vontade de não envelhecer (PACCE apud COTES, 2006); garotos não se acanham em vestir rosa. Estrelas, caveiras e corações são adotados, e a textura xadrez também é usada em diversos itens. O jeans é amplamente utilizado, seja em calças, saias ou bermudas. A maquiagem é encontrada tanto em meninas quanto em meninos; no caso deles, restringe-se ao lápis preto contornando o olho, ou uma sombra embaixo dele, preta ou até vermelha. Existem ainda muitos rapazes que pintam uma ou mais unhas de preto, e o número de características típicas parece não parar por aí.

Dentro do estilo Emo existem sub-estilos como os *From UK* e os *New Wave* e há os que os consideram um tipo de “pós-emo” ou “emo de luxo”, veja a definição de *From UK* e *New Wave* feita por um jovem frequentador de um *Shopping* em Porto Alegre:

Tipo no caso Emo, usam franjas, na maioria das vezes usam cabelo colorido e usam coisas que está bombando na Europa, ao contrário do que todos pensa, os Emos não são tão melancólicos. Tem uma evolução, tem o Emo e depois vem o From UK que se espelham nas pessoas de lá e tem também New Wave, que no caso é super colorido, cabelo picoteado. É que assim, todo adolescente começa sendo Emo, até ser bem aceito pelos amigos. Eu uso essas roupas assim²¹, pareço mais From UK, usa essas roupas tipo Argentina. (Eduardo, 17 anos)²².

²¹ O jovem usava All Star amarelo, calça jeans justa e cabelo pintado com mechas.

²² Cabe destacar que os nomes aqui apresentados foram atribuídos pela própria autora na direção de manter o anonimato dos participantes. Além disso, todas as citações aqui apresentadas, sejam elas decorrentes de conversas informais junto aos jovens Emos, sejam retiradas das comunidades do Orkut mantêm o formato, a grafia e os símbolos originais. Serão reproduzidas neste trabalho com fidelidade, por entender-se que o estilo de digitação, de fala e até mesmo os erros contribuem para a caracterização desses usuários.



Os próprios Emos têm a versão dos chamados “posers”, termo usado para definir os jovens que aderem ao estilo apenas pela moda.

Poser é tdo akele que segue uma moda, que fala que curte uma coisa e nom sabe porra nenhuma - significado da expressão "VC É POSER". Mais o significado REAL da palavra, é que poser são pessoas que pousam para fotos, faz caras e bocas etc... Mais o significado real da palavra não é usado (Comunidade Odeio Preconceito contra Emo, 08/10/2008).

Outra característica deste grupo é o fato de terem uma linguagem peculiar, que no geral possui um tom infantilizado, falam quase sempre no diminutivo, trocando letras em conversas ou chamando as amigas de “maridas”, por exemplo. Palavras terminadas em “inho” como amorzinho, lindinho, fofinho são constantes nas conversas dos Emos. São muito usados adjetivos como “fofo”, “meigo”, “lindo”, “querido”, também em variantes neologistas como “fofuxo”, “meiguxo”, “queriduxo”. Na Internet, é comum encontrarmos frases como "Sabia que eu te amo?" transformadas em "Xabia q eu ti amu?"²⁴

Para acelerar a digitação, “qu” vira “k”, “ch” vira “x”, a pontuação perde importância, acentos são ignorados ou substituídos pelo “h”, etc. Abusa-se também dos *emoticons* para expressar estados de espírito com rapidez. Nos dias de hoje, estas são características comuns

²⁴ É possível notar uma certa infantilização das palavras. Ao vivo, os Emos costumam conversar de maneira infantilizada, usando vocabulário e, muitas vezes, fonética típica de criança: trocam o som de /t/ por /l/, de /s/ por /x/, por exemplo. Então, ao se estabelecerem no Orkut, eles não apenas trazem as palavras, mas tentam também transmitir essa pronúncia infantil na escrita. Passaram a escrever *voxê* (que ainda pode ser reduzido a vx) em vez de “você”, “kelu” em vez de “quero”, “ixo” em vez de “isso”, “axim” em vez de “assim”, e assim por diante.

da escrita na Internet, não chegam a apresentar problemas para um leitor desacostumado, pois a mensagem permanece decifrável. Há até mesmo um tradutor Português/Miguxês²⁵, nome dado à linguagem específica que utilizam (Miguxês), e que nesse sítio, é dividida em três níveis: Miguxês Arcaico, Miguxês Moderno e Neo Miguxês, onde podemos ver no exemplo a seguir:

Hoje estou me sentindo meio mal. Acordei e não vi a Emuxa, minha coruja de pelúcia fofo. Cadê você? Coitada, deve ter caído da cama, de novo. Só de pensar nisso já chorei. Que vida cruel. Não posso deixar ela sozinha nem por um segundo... Ufa, que alívio! Ela estava aqui, embaixo do meu cheirinho :).

O que na tradução para o Miguxês Moderno fica:

hj to me sentinu 1/2 mau..... acordei i naum vi a emuxa...minha koruja d pelucia fofo..... kd vc???!? koitadeenha...devi te kaidu da kama...d novu..... soh d pensah nissu jah xorei..... ke vida krueu..... naum possu dexah ela sozinha nem por 1s..... ufa...ke aliviu!!!! ela tava aki...embaixu du meu xeirihu huahuahua

E na tradução para o Neo Miguxês:

Hj tow me SentInU 1/2 maU..... aCoRdeI i NAUm Vi a EMuxXxah...mINHAh KoRUjAH dI PeLucIAH FoFUxXxAH..... kd VuxXxe???!? kOITADEenhAH...devi TE Kaidu dah kAmAH...DInoVu..... Soh di penSAH niXXu jaH xXxORei..... kI VIDaH Krueu..... nAum pOXXu DexXxAH ELAH SozINHah nem PoR 1 SIGunDu..... uFah...kI ALIVIU!!!! ELah TAvah aki...EmbAixXxU du Meu xXxEIRiNhu kkkKKKkKKKk²⁶

Os Emos não reprimem suas emoções: sofrem por amor, não têm vergonha de chorar (especialmente ouvindo músicas emo ou em shows) e nem de demonstrar publicamente afeto por amigos, inclusive os do mesmo sexo. Não é raro ver garotos da tribo se beijando na boca, ato que parece agradar garotas Emo, sendo que o contrário também é verdadeiro

²⁵ Disponível em <http://www.coisinha.com.br/miguxeitor/>. Acessado em 19/10/2008.

²⁶ Vale ressaltar que o jeito de escrever relatado neste item não é exclusividade da tribo Emo, mas é muito usado entre seus membros, e por isso foi feita a observação. Também não se quer dizer que é obrigatório digitar com este estilo para ser considerado Emo, assim como não é obrigatório adotar sempre todo o visual emo para ser da tribo. Tratando-se do estudo de uma tribo, parece inevitável que se faça generalizações na identificação de padrões e características comuns à maioria, sendo que as exceções podem servir para confirmar a regra.

(KOBAYASHI, 2006). Eles têm repulsão por pessoas violentas, qualquer tipo de agressão física é altamente reprovável entre eles, parecem lutar por um mundo sem violência. Não economizam demonstrações de carinho e são pacíficos à intolerância e às outras tribos: *se tu reparar, aqui na Redenção*²⁸, *tem bastante Punk, Gótico, a gente se dá bem, eles não olham te apontando. Dizem que todo Emo é gay, passou um Emo na rua e sempre chamam de veado* (William, 17 anos).

Eles pregam a tolerância em todos os sentidos, inclusive na opção sexual. Tanta tolerância acaba gerando intolerância e eles não são bem vindos em muitos locais. O menino Emo é sensível e compreende as meninas, é capaz até de chorar por uma decepção amorosa e não tem vergonha de mostrar seus sentimentos. Os Emos se definem como um grupo sensível, sem preconceitos e demonstram muita sensibilidade – chorar ao som de uma determinada música parece ser uma questão peculiar.

Os Emos costumam dizer não às drogas, inclusive ao álcool (embora isso não seja regra). A atitude Emo parece mostrar um esgotamento do modelo ocidental, em que muitos jovens tentam se afirmar pela violência ou pelo consumo. Os *punks* ou *funkeiros* parecem muitas vezes se impor pela agressividade. Os Emos querem se fazer aceitos pelo amor, observa Regina de Assis, doutora em Educação, citada por Cotes (2006).

Atitudes mais sensíveis e a liberdade de expressar sentimentos parecem ter tornado os Emos alvo de preconceitos, pois para muitos desavisados ser Emo é sinal de homossexualidade, a ponto de o termo Emo ser visto como “palavrão”.

*É..mas parece q o preconceito nunca acaba!
Já tinham algumas meninas nojentas me perseguindo na escola.
Eu até estava [estou] com dificuldade para estudar,pq elas*

²⁸ O Parque Farroupilha, ou, simplesmente Redenção, é um parque urbano de Porto Alegre, localizado no Bairro Bom Fim, patrimônio histórico e cultural da capital dos gaúchos. O Parque da redenção possui 12 recantos de interesse e 38 monumentos, dentre eles, O Monumento ao Expedicionário, também conhecido como “Arco”. Tombado em 1997, é um dos principais pontos turísticos da capital. Junto ao parque funciona aos domingos uma feira de artesanato chamada Brique da redenção. O Brique da Redenção, antigo Mercado de Pulgas, abarca mais de 300 bancas que expõe à venda antiguidades, artesanato e artes plásticas. O Brique é, também, tradicional ponto de manifestações políticas e culturais no qual a música, o teatro, a dança, sempre encontram fiéis apreciadores. Veja mais em <http://aredencao.com.br>. Acessado em 06/11/2008.

ficam implicando comigo na aula e os professores não fazem nada. Só o de português que é suuuper gente fina comigo, mas aí elas não implicam na aula dele. Até a diretora do colégio implica comigo por ser emo. E quer livrar os alunos do preconceito... Elas já vinham me ameaçando a meses. Eu queria trocar de colégio, mas como já tá no fim do ano ia ser mto difícil me readaptar. Agora, a péssima notícia: ontem, eu vinha embora da escola, e como todo dia elas me diziam "vou te pegar lá fora hoje hein" e nunca faziam isso, eu larguei pra lá. E elas me pegaram mesmo. Vieram umas 6 garotas pra cima de mim e uma veio embora na minha frente de propósito. Não tinha como fugir. E é claro que as minhas "amigas" não me ajudaram. Que amigas né! Hoje faltei a aula porquê estou com o corpo doendo muito. E cheia de mancha roxa... :(E minha mãe não pode falar nada na diretoria porquê o ocorrido foi fora da escola. Não sei mais o quê fazer em relação a essas meninas que são uma praga na minha vida. (Comunidade Odeio Preconceito contra Emo, 09/09/2008).

Por desestímulos sociais, ostracismo, ou relações de poder, os jovens Emo expressam suas opiniões, sentimentos, problemas e relações de trocas através daquela que se tornou o principal meio de disseminação dessa cultura: a Internet. Com blogs e fotologs (diários virtuais), e através do Orkut (site de relacionamentos), esses jovens encontraram outros e mais outros que compartilham das mesmas idéias, aumentando ainda mais o número de adeptos com a mesma forma de vestir, de pensar e de se comportar. Fotos publicadas em fotologs geralmente são auto-retratos; as expressões são sérias ou tristes, refletindo a melancolia associada à tribo; outros vícios da *fotografia emo* são mãos tapando bocas como que fingindo espanto, rostos pensativos, e o ângulo do alto para baixo. Fora de casa, para abastecer fotologs e documentar cada momento, os Emos tentam ter uma câmera fotográfica digital sempre à mão. Seus celulares são essenciais para comunicação móvel entre a turma e para o gendramento de atividades grupais.

Quando esse movimento tornou-se grande o suficiente para atrair a atenção dos outros meios de comunicação de massa e quando as bandas de *emocore* tornaram-se famosas, ou seja, migraram do underground (desconhecido) para o mainstream (grande público), a tribo Emo parece ter atingido o seu auge.

Não é difícil identificar a tribo Emo por sua aparência. O corte de cabelo é talvez a característica mais evidente: Emos usam cabelo liso, com uma franja comprida que cobre os olhos, ou só um deles. Embora a franja seja mais difundida, garotos também podem usar o cabelo mais curto e espetado para cima.

Contudo, a entrada no grande público parece ser uma faca de dois gumes: ao passo que a tribo adquiriu novos adeptos, também emergiram aqueles que repudiam os atos ditos *Emos*. Na Internet se difunde grande parte do conteúdo a favor e contra a cultura Emo. O Orkut já possui mais de mil comunidades do tipo “Se Ema é bicho, Emo é bicha”, “Emo som de fruta”, “Eu Odeio Emo”, “EXÉRCITO ANTI-EMO”. Há quem acredite que o preconceito entre Emos e outras tribos acontece por muitos jovens terem se tornado Emo por puro “modismo”, essa revolta talvez aconteça pelo fato de terem passado de um estilo musical para um ideal de vida seguindo meros padrões estéticos e vinculação à homossexualidade.

Pq Metalero naum tem ideologia!!.... 🤪

Ah e pra quem naum sabe... emo tem ideologia sim... o emo assim como outras ideologias... defende a liberdade de ser oq éh... sem "rotulos".... vai contra a violencia... o maxismo.. a discriminação e o preconceito... esse negocio d emo ser triste éh pura balela e modismo... as musicas falão sobre sentimento não nessessariamente tristeza..Tem genti q diz q o emo imita os outros e naum tem estilo proprio!! Mais tudo no rock é copia!! Se o Rock nasceu da mistura d bullz cum cawntri(sei lá comu se escrevi essa bosta!) E o punk foi uma tentativa frustrada d imitação do Rockabilly(tumbem naum sei se ta escrito certu =/) q graças a deus naum deu certu xD... se o emo naseu de outro estilo é claro q tem coisa parecida! pq se for pra pensar na originalidade.... o emo éh uma imitação do Hc, q éh uma imitação punk rock, q é uma imitação d Rockabilly, q é imitação d bullz e cawntri (q eu axu q um nasceu do outro só naum sei qual foi o primeiro =/ a sei lah naum sei!) q éh uma imitação de outro tipo de musica q inventaram imitando outro! Oq éh musica se naum imitações!? (Comunidade Um estilo chamado Emo, 17/10/2008).

Super chatiado..

Recentemente eu entrei ná comunidade dos Metalheiros e eles me trataram super mau, dizendo que eu era gay, uma baixaria total..Sóh por que eu disse que me vistia de emo mais meu gosto musical era Metal...Fiquei super triste... Axo que temos que

viver as diferenças, nada de preconceitos.... (Comunidade Odeio Preconceito contra Emo, 25/10/2008).

Muitos Emos, justamente por fazerem demonstrações públicas de carinho e por aceitarem a opção sexual do outro sem preconceitos, são alvos de homofobia e violência. Na rua e em casa eles provocam polêmica. Isso acontece também em outras tribos urbanas como, Metaleiros, Rapers, Clubers...

*O Kiss²⁹ não anda fantasiado na rua. Eles tem vergonha na cara. E eles ganham dinheiro com isso... muito dinheiro. Se fosse assim os palhaços de circo estariam ferrados... O Rob, vocalista do Judas Priest³⁰ é uma bixooona mesmo. Mesmo assim não anda pra lá e pra cá como uma "bonequinha de porcelana from hell". Ele se veste e se comporta condizendo com sua classe... mas tem uma vida social normal. Normal para os super astros, é claro.
Eu tenho cabelo liso desde que nasci... cabelo de chapinha é a PQP. (Comunidade Odeio preconceito contra Emo, 24/10/2008).*

Lojas em shoppings proíbem a entrada dos Emos, afirmando que esses afastam outros consumidores. Essa prática já é comum em estabelecimentos desse tipo, e pode ser observada com frequência não só com relação à tribo dos Emos, mas com várias outras também juvenis. O exemplo mais visível e próximo parece ser o do Shopping Olaria, onde eles são proibidos de entrar e permanecer por seguranças contratados especificamente para os dias em que esses jovens o frequentam: *Eles acham que estão em casa, olha ali aquele ali é o chefe da segurança, pra ele vir aqui é porque a coisa não tá boa. Eles (os Emos) correm, brincam de pegar, ficam aqui se esfregando nos carros* (Fala do segurança de um shopping, ponto de encontro de Emos em Porto Alegre).

²⁹ Kiss (ou KISS) é uma banda de Hard Rock/Heavy Metal dos EUA, formada em Nova York em 1973. Conhecida mundialmente por suas maquiagens, e por seus concertos muito elaborados e até exagerados que incluem guitarras esfumaçantes, cuspir fogo e sangue, pirotecnias e muito mais. Wikipedia 2008. Acessado em 08/11/2008.

³⁰ Judas Priest é uma banda inglesa de Heavy metal que foi criada em meados de 1969, em Birmingham. O primeiro disco da banda ("Rocka-Rolla") foi lançado em 1974 pela Gull Records. A banda vendeu cerca de 40 milhões de discos em mais de 30 anos de existência, influenciando um número significativo de bandas de heavy metal e hard rock durante o processo. Podemos citar dentro dessas os mais diversos e diferentes grupos como Guns N' Roses, Slayer, Pantera, Accept, Skid Row, Iron Maiden, Metallica, Death, entre outros. Wikipedia 2008. Acessado em 08/11/2008.

ENSAIO SOBRE O ORKUT

Fui desafiada por demoradas e interessadas visitas ao Orkut, me propondo, de maneira modesta, esboçar um percurso menos descritivo e interpretativo, construído sob uma leitura de o quê a tribo juvenil contemporânea – os Emos – percorrem, inventam, redefinem e exibem seus marcadores identitários em tal ferramenta.

Alinhavo minha pesquisa em estudiosos como Santos (1997, 2007), Dayrell (1996), Aquino e Soares (2003), Silveira (2006), Fischer (2006), Eugênio (2006), Louro (1999, 2000), Britzman (1996), Maffesoli (1998), entre outros, que têm abordado as questões da subjetividade e identidade na contemporaneidade, através do discurso e de relações que podem ser, foram ou estão sendo articuladas também no mundo virtual, de forma a analisar discursos atravessados, imagens, padrões, gostos, sonhos e vontades de tal comunidade contemporânea. Apresento a seguir, um excerto de Silveira bastante oportuno aos fins dessa apresentação:

No mundo instável e surpreendente em que vivemos, a Internet parece guardar incessantes surpresas que balançam – de alguma forma – nossos conceitos modernamente estabelecidos sobre sujeitos, comunicação, relacionamentos, interação, verdade, valores, etc. Na rede, primeiro nos aproximamos dos e-mails, para, após, entrarmos na era dos chats ou sala de bate papo, os Blogs de ordem variada vieram ocupar seu espaço; o ICQ, o MSN e o SPACE, entre outros, fizeram as delícias de quem trabalhava ao computador e, ao mesmo tempo, podia conversar com amigos, sem alarde de forma – digamos- reservada e quase secreta. Nessa progressão, em que novas possibilidades não arredam as antigas, desde há poucos anos tornou-se coqueluche no Brasil um site de relacionamentos – o Orkut. Como espécie de evento midiático e, portanto, também tema de reportagens de TV, programas de rádio e matérias jornalísticas, poucos brasileiros e brasileiras ainda não ouviram falar do Orkut. (SILVEIRA, 2006, p. 137).

De tal forma, vejo o Orkut como um território para o exercício de determinadas subjetividades ao mesmo tempo em que um terreno para a conformação a determinadas regras. Sem me aprofundar na questão das normas escritas que lá parecem se delinear pelo próprio uso, os jovens se colocam numa vitrine (isto é, em constante exposição), enfim, se reinventam a partir de sentidos ali compartilhados. Isso parece acontecer a partir do tipo de organização

(por exemplo, a forma como os textos são postados a partir de uma linguagem própria) e das formas recorrentes que parecem estar enraizadas em dados valores (por exemplo, o fato de este meio servir para colocar em circulação questões como o preconceito). Assim, temos de um lado questões tidas como tradicionais e, de outro, questões emergentes presentes nas sociedades contemporâneas.

Não deixo de mencionar aqui a importância de se pensar o quanto pode valer a pena estudar como as identidades juvenis, incluindo os Emos, estão estampadas no mundo virtual, principalmente através da escrita (“velha” tecnologia presente na história da humanidade e aprendida na escola). Escrita essa que é manejada, com ou sem desenvoltura, e que por vezes aparece com suas abreviaturas e neologismos *miguxos*: *blz* (beleza), *naum* (não), *suuuper* (super), *eh* (é), *PQP* (puta que pariu), *Axo* (acho), entre outras.

Essa nova tecnologia de produção (o Orkut), não só de escrita, mas de imagens e de informação, parece não se pautar na euforia que aposta no progresso contínuo da ciência. Talvez aqui seja o caso de indagar como, na trama de saberes, relações de poder e modos de subjetivação, nosso olhar e nossos corpos se organizam; como participam de novas formas de controle, que supõem, igualmente, novas formas de resistência (FISCHER, 2006).

O primeiro ímpeto de um usuário que procura se informar sobre a cultura Emo no Orkut é o de fazer uma busca pelo termo nos títulos das comunidades. Quem o faz é duplamente surpreendido pelos resultados: primeiro, ao constatar que são mais de mil (limite imposto pelo site para exibição), - o que dá noção do quanto a tribo está em voga atualmente; e segundo, ao perceber que a maioria das comunidades encontradas é de ódio aos Emos. Tais como: *Chute um emo e ganhe 1 real*, *Será que existe emo macho?*, *Emo bom é Emo morto*, *Quero ESPANCAR um EMO*, etc.

Apresento a seguir o que se pode visualizar como tela inicial das duas comunidades analisadas, onde são propostos tópicos de conversa virtual (de forma assíncrona).

Elas foram escolhidas por terem um número significativo de participantes, soma que pode nada significar, efetivamente, em termos de cálidos relacionamentos humanos, mas que contribui quantitativamente para a imagem identitária de popularidade do grupo em questão.

“Um estilo chamado Emo” (6590 participantes)

Descrição: NOVA BANDA, RETINA: www.myspace.com/retinaindie

EMO é a abreviatura de Emotional Hardcore, um estilo de música que surgiu pouco antes dos anos 80 com bandas de Rock que escreviam letras melódicas, emocionais e sentimentais. Após muitos anos esse estilo de música deu origem a um estilo de vida, e hoje, há uma moda Emo e o estilo de vida é ser sentimental, emotivo, sensível, assim como o estilo de música Emo. Pulseiras de bolinhas, cerejinhas e quadradinhos com franja sobre o rosto pode ser considerado características emos. Porque derivam do sentimentalismo e do estilo de música.

Parceria: <http://emostyle.net84.net/>

Categoria: “Música”

Tipo: “Pública”

Privacidade do conteúdo: “Aberta para não membros”

Fórum: “Não anônimo”

Local : Brasil

Criado em: 26 de Setembro de 2007

The screenshot shows the Orkut community page for "Um estilo chamado EMO!". The page header includes the Orkut logo, navigation links (Início, Perfil, Página de recados, Amigos, Comunidades), the user's email (angela.simao@gmail.com), and a search bar. The community title is "Um estilo chamado EMO!" with 8,127 members. The description is in Portuguese, explaining that EMO is an abbreviation for Emotional Hardcore, a music style that emerged in the late 1970s/early 1980s. It describes the style as sentimental, emotive, and sensitive, and mentions associated fashion items like beaded bracelets, hair clips, and fringe headbands. The page also lists the partnership website (http://emostyle.net84.net/), the profile of the page creator (Jean Xavier Ferreira), and the community's details: Portuguese language, Music category, owned by Claudiney Carvalho Swerts, public type, members-only privacy, non-anonymous forum, located in MG, Brazil, created on September 26, 2007, with 8,127 members. On the right, there are sections for "membros (8127)" showing member avatars and "comunidades relacionadas" listing related communities like "EMO: Se não gosta RESPEITA!!!!", "Uniao Das Tribos Jovens/ U.T.J", "RETINA", "MIX STYLE", "Faça minhas próprias Festas", and "Odeio Preconceito Contra Emo".

32

Além das comunidades do Orkut referidas, podemos encontrar na Internet vídeos no Youtube³³ tais como: *Aprenda a ser Emo em 5 passos*, *Emos sendo agredidos*, *Manual do*

³² Acesso em 12/11/2008.

Emo Vol I e II, Confissões de um Emo Vol. I, II, III, IV, Ataque aos Emos, Movimento Emo no Brasil, Emos desabafando no Gugu, Eu sou Emo e minha mãe não aceita, Explicando o que é Emo, Uma Ema apanhando, Emos no Domingo Legal I, II, III, Emo: matéria no fantástico, Emos no Jornal Hoje.

Nas comunidades aqui estudadas os jovens parecem estar utilizando a Internet para a produção e reafirmação de identidades diferentes, descentradas e, talvez, apropriadas e recriadas nos espaços metropolitanos. Hall (1997, p.108) argumenta que as identidades não são unificadas, mas cada vez mais fragmentadas, multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas, em constante processo de mudança e transformação.

O que parece ser certo é que o Orkut tem se apresentado como um espaço, ou como uma arena, em que múltiplas identidades estão em constante tensionamento. Por um lado pode-se encontrar a adesão a algumas identidades (o sentido de compartilhamento de dadas características, sentimentos, ou mesmo de enfrentamentos aos preconceitos, por exemplo) e, por outro, a negação dessas mesmas (e de outras) identidades, na medida em que os próprios jovens que compartilham os sentidos de “ser Emo” freqüentemente também negam tais sentidos quando se busca definir o que é “ser” um Emo.

Um Emo, em sua representação *real*, tem diversos elementos ao seu dispor para mostrar a que tribo pertence: as roupas, os acessórios, o penteado, etc, sem precisar, necessariamente, se afirmar como tal. Elementos estes que remetem a uma *máscara*. No entanto, ao ingressar na rede de amizades do Orkut, essa *persona* vai ter que se adaptar, utilizando os recursos do perfil para fazer-se entender como um Emo.

O álbum de fotos representa uma extensão imagética do perfil, então é natural que ele seja utilizado pelos Emos para se afirmarem como tal. O álbum dá a chance de eles aparecerem no ciberespaço como apareceriam nas ruas: vestindo as roupas Emo, exibindo os acessórios, a maquiagem, o corte de cabelo e tudo mais.

³³ O YouTube é um site na internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado 2005.

A maioria dos Emos inscritos no Orkut parece não utilizar seu nome verdadeiro, e sim alguma espécie de apelido como: Dona., .Srta., .Srto... Além disso, o que mais marca os nomes dos Emos é o uso de caracteres inusitados. Além de alguns acentos e sinais presentes no teclado padrão, como o til, o asterisco e o hífen, são inseridos corações, estrelas, círculos, naipes de baralho, entre outros desenhos. Os seguintes nomes, entre outros, apareciam nas comunidades selecionadas:

Juliane
 Cavaleiro negro
 x monii
 ♣Naiukø?♣
 ~ Bruna
 ✕Thiagø✕
 'MiiiH★∩ e jEssY
 ☺ cHoKiTo ☺
 -=|Gμμ|-||=-
 L~uk@s [F.F.C]
 \\ bebe
 NeMySyS E.A.E
 Apóstolo
 "L"Kill@
 Сятª фєяяү_
 ∫»!ª (ÿ)ª*ħσσ
 Сятª lolу pop

É uma estilização de difícil leitura para quem está alheio à tribo, mas muito significativa na identificação entre seus membros. Isso torna este aspecto importante ao estudo.

Conforme comentado anteriormente, a popularização da Internet como meio de comunicação, acarretou em variações na maneira de se escrever coloquialmente *online*. Algumas delas visam apenas agilizar a transmissão das mensagens, outras parecem tentar dar um toque estilístico à escrita. É notável que estas distorções da língua culta são bem mais presentes na comunicação entre jovens, que parecem ser muito mais familiarizados com as novas tecnologias.

JOVENS CULTURAS



O livro “Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto”, organizado por Maria Isabel Almeida e Fernanda Eugênio (2006), nos apresenta uma maneira muito interessante de olharmos as culturas juvenis, destacando as expressividades (performances) cotidianas. Nele podemos vislumbrar vários tipos de juventude, apresentados através de pesquisas que abordam desde gênero, sexualidade, identidades, marcas corporais, utopias sociais e corporais, moda, gravidez na adolescência, família, Aids, mídia, escola, trabalho, violência, periferia, amor, amizade, consumo, riscos e até política.

Nesse sentido, vale a pena citar Knauth e Gonçalves :

um aspecto bastante enfatizado no campo antropológico e sociológico é o de que a juventude não pode ser definida homogeneamente. À pluralidade que caracteriza o conceito se amalgama e se reduz em sentidos e concepções êmicas corriqueiras, modelares ou quase únicas sobre o que é ser jovem. No entanto, os termos para descrevê-la são diversos: modo geral, referem-se à juventude e à adolescência (ou teens/teenagers) como uma época de estilos, excessos, de vários enfrentamentos – como os familiares, pessoais, sociais, escolares, profissionais, amorosos, entre outros – e de uma redefinição das relações familiares. Essa multiplicidade, que também é representativa da sociedade e da sua história, colabora para a complexidade da discussão e para a elaboração de uma definição única, epistemologicamente difícil. (KNAUTH e GONÇALVES, 2006, p. 93-4).

Considerando os aspectos históricos da construção social, falar de “juventudes brasileiras” parece ser falar de processos resultantes de uma conjugação específica entre

herança histórica e padrões societários vigentes. Neste cenário, entre os jovens brasileiros de hoje, parecem ser os mais pobres os mais atingidos pelos processos de desqualificação geradores de desigualdades sociais. No entanto, sabemos que a universalização de direitos e acessos não anularia automaticamente os mecanismos que ancoram preconceitos e discriminações sociais. Ainda assim, a condição juvenil, se pensarmos como etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta, tem suas especificidades (NOVAES, 2003).



A juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos, e a história não se repete. Assim, para pensar a condição juvenil contemporânea, talvez devamos considerar a rapidez e as características das mudanças do mundo de hoje. Segundo Novaes (2003), parece ter havido uma ampliação dos agenciamentos socializadores das juventudes e esses extrapolam o âmbito da família e da escola, o que pode significar um aumento da influência dos meios de comunicação, mais especificamente a Internet. Apesar serem muitos os que não têm computador em casa, os computadores de associações, centros comunitários e ONGs são reiteradamente utilizados pelos jovens.

Talvez se deva recuperar aqui que um dos objetivos deste trabalho passa por refletir sobre aquilo que se pode chamar de novas *cartografias subjetivas*. Isto é, formas de sociabilidade e afetividade contemporâneas encontradas em setores jovens de centros urbanos da nossa sociedade. Tal reflexão ancora-se, mais especificamente, nos resultados de uma pesquisa realizada basicamente na Internet, mas não só nela, pois ainda que esses jovens possam ter transformado a Internet em uma categoria fundamentalmente espacial/virtual, ela

também funciona como um lugar de agenciamento de encontros presenciais. Assim, embora se possa dizer que a Internet possibilita o compartilhamento de determinados sentidos entre jovens de diferentes lugares, o “lugar do encontro real” continua necessário e pode ser negociado através do virtual.

Esse processo pode ser entendido como constitutivo e simultaneamente produtor de um novo cenário de diversidade das experiências subjetivas. Em outras palavras, ele parece ser utilizado como um modo de pôr em circulação estratégias identitárias acionadas no interior de contornos imprecisos de espaço e tempo, que se constroem fortemente em torno das musicalidades dramáticas da letra ao som, com vocais intensos e melancólicos, bem como de uma moda empenhada em “borrar” as fronteiras de gênero – contornos fugidios do que entendemos como Emos.

Isso parece traduzir-se, de modo mais contundente, naquilo que Eugênio (2003) chamada de uma “cosmética de si” que combina música, moda e comportamento numa maneira de “estar” (e não de “ser”) fundamentalmente urbana. A *poética* e o dizer-se dos sujeitos Emos parece exprimir-se em uma “estética andrógina”, que aponta para uma relação com o corpo e com os espaços a partir daquilo que podemos chamar de “montação” de si (isto é, trabalho ao qual o corpo é submetido) (Ibid.).

Estes aspectos descritos por Eugênio (op. cit.) foram também observados de forma análoga nas “cenas” acompanhadas em lugares públicos³⁴ (pontos de encontro) e em uma casa noturna³⁵, onde o som predominante não é especificamente *Emocore*, apesar dos DJs tocarem bandas Emos em alguns momentos. A partir dessas mesmas cenas é possível dizer que parece haver uma forte incitação romântica à experimentação homossexual, o que pode ser observado no trecho apresentado a seguir:

Sabe, por mim, uma pessoa pode até andar pelada na rua, ou fantasiada d Carmem Miranda dançando "O que a baiana tem?" que eu nem vou ligar... não fazendo mal a mim e aos que me rodeiam, por mim que se dane, cada um tem sua vida, seu corpo e faz o q bem entender. O que eu tenho a ver com a vida da outra pessoa pra ditar regrinhas ou dizer o que está certo ou errado no

³⁴ “Eles taxam as pessoas que vem aqui de Emo, mas ninguém é, todo mundo é, é emotivo. Todo mundo que usa um *All Star*. Tem o dia de se reunir: quinta é Total, sábado Germânia, sexta Praia de Belas, Domingo é o Arco da Redenção” Maíra 14 anos.

³⁵ Porão do Beco, Av. Independência – Porto Alegre/RS.

visual dela ou no q quer q seja? Quem sou eu pra julgar? E mais: quem sou eu pra agredir, seja com gestos, palavras ou agredindo fisicamente? Com q direito eu posso chegar e apontar o dedo na cara d uma pessoa, chamar d ridícula, gay (o q tb demonstra uma certa homofobia) ou coisas do gênero? (Comunidade Odeio Preconceito contra Emo, 24/10/2008.)

A recusa dos jovens Emos em aceitar definições estanques para a sexualidade vivida, a qual em suas falas é negada como fonte de identidade e elaboração, encontra seu contraponto no interesse pelas músicas romantizadas e na frequência sistemática às comunidades pesquisadas. É sob essa rúbrica que as postagens e falas tornam-se contundentes e que os próprios integrantes dessas comunidades afirmam alguma sorte de pertencimento ou certeza. A identidade é trabalhada no registro discursivo da fluidez e nutre-se do inescapável paradoxo de que a sexualidade “livre” (EUGÊNIO, 2006, p.160), usualmente afirmada como explícito na postagem da jovem Jéssica: “*não há preconceito nenhum, ficam com pessoas do mesmo sexo e de outro em festas, mas é porque tali*” (Anexo I).

Os Emos parecem construir as representações de si mesmos recorrendo menos à vida sexual que levam e mais à adesão estética, às musicalidades como modo de vida, o que envolve o uso das tecnologias (Internet, câmeras fotográficas digitais, telefone celular) como “extensões corporais ativas, *instâncias de tráfego informativo e de composição de si.*”(EUGÊNIO, 2006, p.173-4). Eles por vezes se dizem “gays”, por vezes se dizem “heteros” e em outras ocasiões se apresentam como podendo vivenciar experiências afetivo-sexuais alternadamente. Assim, eles parecem rejeitar os binarismos (homossexual/heterossexual) por considerá-los insuficientes e herméticos demais.

EMOS: ESCAPANDO DOS BINARISMOS?!



Parece-me, então, que os Emos lidam com uma estrutura de “segredo aberto”, e é nesse sentido, que tentarei apresentar o desejo de me aproximar do transformativo, sem vergonha de arriscar o óbvio, buscando apresentar algumas relações entre educação e cultura.

Isso se torna especialmente importante para aqueles/as que se dedicam a estudar as juventudes, posto que, como refere Britzman (1996), as pesquisas educacionais parecem permanecer estranhamente mudas sobre as muitas práticas sexuais da juventude. Segundo essa mesma autora, a idéia de identidade presente nas teorias educacionais permanece, muitas vezes, ainda presa à visão equivocada de que as identidades são dadas ou recebidas e não negociadas – social, política e historicamente. Além disso, Britzman (1996) também destaca que as identidades parecem não conseguir fugir de dois extremos: ou são vistas como dolorosas (quando se acomodam) ou são vistas como prazerosas (quando resistem). Considerando isso ela argumenta a favor de uma noção historicamente mais fundamentada de identidade, isto é, que a veja como fluida, parcial, contraditória, não unitária e como envolvendo elementos sociais. Junto com isso ela também destaca a necessidade de se pensar a identidade significando efeitos constitutivos das relações sociais e históricas e também como capazes de rearticular o desejo e o prazer. Isso parece estar evidenciado na seguinte postagem de um jovem no Orkut:

Sou homossexual, porém não sou emo. Também não me identifico pelo estilo e nem mesmo curto o mesmo tipo de música. Porém, tudo isso com muito respeito. O Brasil é realmente muito plural e diversificado. Há alguns dias comecei a perceber que muitas pessoas fazem associação entre emo e homossexualidade. São visões totalmente estereotipadas de pessoas que não sabem absolutamente nada sobre nenhum dos dois assuntos. Uma conhecida chegou a dizer que a homossexualidade é modismo e que essas meninas emos adoram beijar outras meninas só para se aparecerem. É realmente abominável saber que existem pessoas que não respeitam a diversidade. São pessoas que nunca se informaram sobre esse assunto e tiram seus conceitos sem fundamentos. À partir do momento em que abri a minha mente para a realidade do preconceito e percebi que eu era uma grande vítima desses ataques resolvi quebrar todos os meus paradigmas e apoiar toda a forma de diversidade. Hoje sou um ativista dos Direitos Humanos.

Apesar de homossexualidade e emo não estar relacionados, existe grande número de emos gays. Como vocês que são emos e homossexuais enfrentam esse problema dessa sociedade restritiva que faz questão de discriminar aquele que adota um estilo de vida diferente? E aqueles que não são homossexuais como enfrentam aquelas pessoas que pensam que todo emo é necessariamente gay? (Comunidade Odeio preconceito contra Emo, 02/08/2008).

(BRITZMAN, 1996 p. 74) destaca que “quando se trata de questões de desejo, de amor e de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma: de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade”. Assim, compreender os significados contraditórios dessas categorias em termos de sexualidades parece exigir que lidemos tanto com as representações aceitas quanto com as rejeitadas, que circulam formal e informalmente também nas escolas:

Sou gay e curto música emo... depois q comecei a me vestir nesse estilo fui sendo cada vez mais excluído na escola.... tanto q agora fico solado no intervalo e na sala... nem tô querendo ir mais pra escola... aí eu penso: Por q as pessoas q eu achava serem amigos se afastaram? Por ter estilo emo ou por q descobriram q sou gay?, pq nao me assumi pra ninguém na escola... eh nessas horas q a gte v qm

*são os amigos d vdd...
 Por isso procuro miguxos.... eles são mais compreensíveis...
 Não importa se eh gay ou ht... pq Emos e gays são diferentes
 rótulos q inventaram... PRA MIM TODOS SÃO IGUAIS!!!!!!!
 (Comunidade Odeio Preconceito Contra Emo, 24/09/2008).*

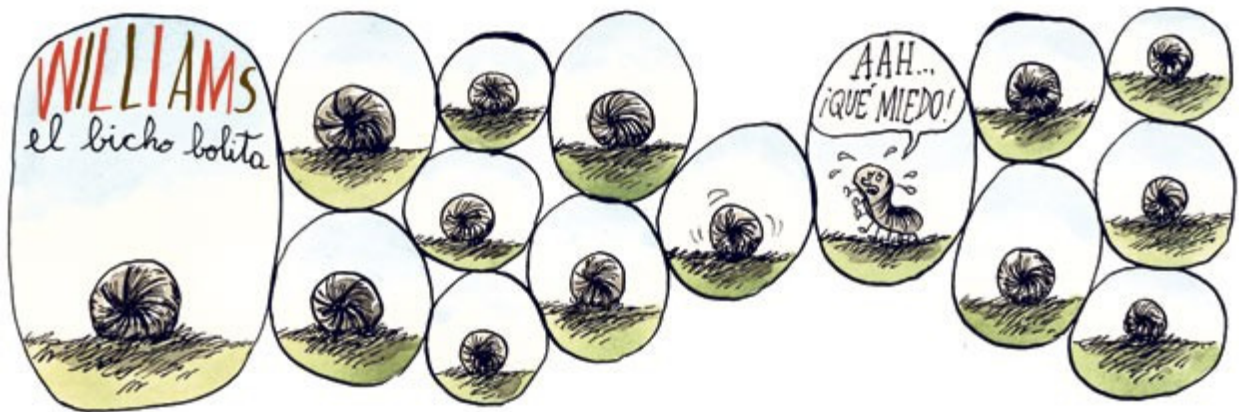
Quando pensamos como os jovens constróem a si mesmos, parece que os educadores/as fazem bem em considerar as várias possibilidades de representações da homossexualidade na cultura popular e o que essas representações podem significar em termos de luta pela juventude e seus direitos civis. O que se sabe sobre as relações entre, escolarização, currículo, cultura popular e representações particulares de hetero e homossexualidade? Parece ser preciso compreender as estórias/histórias de desejo e de amizade que teimam em existir, apesar de condições hostis. Aqui, cabe, mais uma vez, citar Britzman (op. cit.) mais extensivamente:

não faz sentido discutir o que causa a heterossexualidade, também não faz nenhum sentido – nem mesmo como um projeto político – discutir as causas da homossexualidade. Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada. Como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre outros seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades das experiências vividas, pela cultura, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular (BRITZMAN, 1996, p. 74-5).

Neste sentido, carece pensarmos os contextos e as condições sociais na formação das identidades juvenis na educação, porque parecem ser, geralmente, sombrias e hostis além de, por vezes, repressivas. Igualmente, urge pensarmos os discursos contraditórios que agem quando essas identidades perpassam o conhecimento escolar, a pedagogia e os professores/as

e também como devemos/podemos fazer para ir além de vincularmos os corpos ao problema da homofobia, pois isso...

Realmente, é algo para pensar. Acho q pode ser sim, os bestas costumam acreditar que os conceitos emo e gay sempre estão relacionados. É simplesmente deprimente que uma pessoa seja tão vazia a ponto de ter preconceito não com apenas uma coisa, mas com várias. Penso em algo que minha mãe falou: esse ódio a emos e gays é medo. Medo de ser identificado como um, medo de se tornar um e gostar. (Comunidade Odeio preconceito contra Emo, 30/11/07).



Diminuindo por um momento o *zoom* de nossa lente, Walkerdine (1990) oferece o *insight* de que a pedagogia produz não apenas versões particulares do conhecimento de sujeitos, mas o próprio sujeito que – supostamente – conhece, tal como se pode ver a seguir:

eu acho que em geral emo é ligado a sensibilidade que é ligado à homossexualidade mas uma coisa não tem nada a ver com a outra... ser gay não é uma coisa aplaudida pelas pessoas muito pelo contrário...a Nobody disse no 1 post que nunca viu um gay ser ridicularizado só por ser gay, não tanto quanto os Emos, mas depois corrigiu no 2 post. Eu só quero acrescentar que o preconceito contra gays é MUITO maior.. pq ainda tem muitas pessoas que sabem que emo não é sinônimo de gay..e tb pq nem todas as pessoas tem a consciência do que é ser emo..se eu perguntar pra minha vó ou até mesmo pra minha mãe que é mais nova que ela..nenhuma das duas jamais vão saber me dizer o que é um emo..mas um gay elas sabem muito bem..assim como quem curte só axé..sertanejo e forró a maioria nem sabe o que é... Os gays/Lésbicas/Bissexuais e Transgêneros tem que ficar escutando de 5 em 5 minutos os homens se "xingarem" de gays..

as piadas na tv.. os parentes falando que é doença/sem-vergonhice.. os neonazistas/carecas/skinheads-white power tentando espancar todos os gays que vê pela frente..fora as pessoas que te xingam na rua quando vc sai com a sua namorada/namorado..os emos estão sofrendo muito preconceito..muito mais que o clubbers/skatista/metaleiros e qualquer outro estilo musical já sofreu junto só por serem associados aos gays.. (Comunidade Odeio preconceito contra Emo, 22/01/2008).

Isso nos faz lembrar que a escolarização parece realizar uma mediação entre os espaços privados e públicos, a fim de que possa fazer algo mais: oferecer representações de versões socialmente normalizadas. Isso acontece na direção de uma lógica que parece confundir as categorias de gênero e de sexualidade, através de relações sociais e escassas economias de afeto, bem como através dos meios formais do currículo escolar, um dos locais onde a heterossexualidade é a norma.

Assim, parece que encontramos nos currículos de certa forma padronizados a supressão autorizada e legitimada de um discurso do desejo sexual feminino, da vitimização sexual feminina e o privilegiamento explícito da heterossexualidade matrimonial em prejuízo de outras práticas da sexualidade (LOURO, 1999). Isso pode ser percebido, entre outros, nos dois excertos que se seguem:

O preconceito é completamente porque a imagem do Emo é uma imagem afeminada. (Mariano, 17 anos).

Nas gurias é uma coisa mais aceita, na verdade, as mulheres sempre tiveram uma imagem mais sensível e delicada. (Vanessa 14 anos)

Nesse sentido, para finalizar esta seção, parece ser elucidativa a colocação de SANTOS (1997), que bem expressa a relação do corpo com a cultura ocidental:

O Corpo é também uma tradução da cultura, na medida em que sobre ele se inscrevem modos de ser e sentir que são incorporados e que se expressam (se traduzem) naquilo que somos. Assim, o corpo traz em si as marcas de uma cultura, as quais podem ser lidas e assim indicar onde esse corpo se constitui. Essas marcas, visíveis ou invisíveis – que mesmo não se mostrando como cicatrizes visíveis na pele, podem constranger, maravilhar, capturar ou condoer ao/à que olha – se

expressam como engendramento de uma cultura; modos de vida/práticas que se imprimem/dobram/vergam no corpo, expressando o resultado de um disciplinamento, de uma dobra sobre si mesmo (SANTOS, 1997, p. 96).

....

HETERO – HOMO? EMO?

Percebemos uma proliferação direta ou indireta de conselhos aos pais e educadores/as sobre como “curar” a situação homossexual, como evitar aquilo que o sistema médico chama de “desordem de identidade de gênero na infância” (BRITZMAN, 1996 p. 80) e como se organizar contra reformas curriculares que levem em consideração a vida de homossexuais, ou seja, há um discurso que descreve a situação homossexual como desviante.

Sabemos que existe um número significativo de heterossexuais que imaginam sua identidade sexual como “normal” e “natural”, existe também o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais. Parece existir aí a idéia de que há o “recrutamento” de jovens inocentes, o que parece, em parte, ser verdade se pensarmos que a identidade sexual é social e depende de comunidades e locais onde haja práticas, representações e discursos comuns ou partilhados. A sexualidade existe através de suas formas e organizações sociais. (LOURO, 1999).

Outra idéia pressupõe que as identidades sexuais são separadas, de modo que os saberes sobre homossexualidades são posicionados como se eles não tivessem nada a ver um com outro, nesse sentido, Britzman contribui:

O pressuposto é o de que a ignorância sobre a homossexualidade não tem nada a ver com a ignorância sobre a heterossexualidade. Esse mito afirma, ao mesmo tempo, uma noção duvidosa de privacidade: que aquilo que a pessoa faz privadamente deve ter pouca consequência pública. O fato é que as formas pelas quais a escola faz a mediação entre os discursos do privado e os discursos do público atuam para deixar intacta a visão de que as (homo)ssexualidades devem ficar ocultas. (BRITZMAN, 1996, p. 80)



E a autora continua, mostrando que a insistência de que a sexualidade deva estar confinada à esfera privada reduz a sexualidade às nossas práticas individuais, impedindo que entendamos a sexualidade como sendo definida no espaço social mais amplo, através de categorias e fronteiras sociais. Podemos assim, confirmar a idéia de que a sexualidade não é constituída apenas por um conjunto de ações individuais específicas, e mesmo que fosse esse o caso, o que não parece ser, essa idéia parece tornar mais difícil pensar a sexualidade em relação à estética, discurso, política, cultura, direitos civis, etc.

Depois desse exercício mental, posso afirmar sem certeza que, se considerarmos os argumentos aqui apresentados e relacionados à hetenormatividade, muitos educadores/as heterossexuais são impedidos de serem educados/as de forma inteligente e sensível sobre a sexualidade como uma construção socialmente complexa. De acordo com Santos:

Esses estudos têm-se constituído em análises muito singulares para o campo da educação, tomando-a em um âmbito cultural muito mais amplo do que aquele configurado pela escola e suas demais instâncias de produção e manutenção [...] Trata-se de entender que essas diferentes instâncias exercem uma pedagogia que podemos chamar de cultural.

Ao analisar essas temáticas, o que acaba acontecendo é um alargamento das instâncias educativas. Em outras palavras, o foco deixa de ser provisoriamente a sala de aula e se dirige para aquelas instâncias que estão ensinando fora da escola, mas para, a seguir, voltar à sala de aula. A idéia, enfim, é a de que as questões que vimos discutindo (no âmbito acadêmico) retornem para o espaço de sala de aula e que lá possam produzir outros textos, coerentes com as necessidades de cada um. (SANTOS, 2007, . p. 85).

O FIM DO INÍCIO



Ciente de minhas limitações como pesquisadora, procurei, tal como refere SANTOS (1997), interrogar-me sobre os limites de minha capacidade de conhecer o outro, expor minhas dúvidas, bem como o caminho que me levou à interpretação/análise – sempre parcial. Questiona-se nesse tipo de investigação, a legitimidade *dada* ao/a pesquisador/a para falar/escrever, isto é, representar o outro. Tais questões passam pela compreensão de que tomamos nossas práticas culturais, nosso ponto de vista como naturais e a partir deles olhamos para as outras práticas, para os outros grupos como se eles fossem *exóticos/alienígenas*. Logo, geralmente deve existir um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo.

Nesse sentido ou na contramão dele, posso afirmar que na caracterização dos Emos foram identificados seus sentimentos em comum, seus trejeitos, suas aparências e suas atitudes, inseridas no contexto da vida social contemporânea, associada, sobretudo, ao declínio do individualismo. Maneira pela qual procuro compreender, até então, a combinação de uma multiplicidade de materiais empíricos, perspectivas teóricas e observações relacionadas a este estudo, de forma estratégica, com o rigor, fôlego, complexidade, riqueza e profundidade que fazem parte da investigação.

Fica a pergunta: O que pode acontecer aos Emos? Agora que parecem já estar consolidados como uma tribo juvenil, talvez não haja mais tamanha especulação da mídia sobre eles. É provável que se movam para fora do grande público e talvez surja um novo estilo musical ou uma nova variação de música e comportamento. É provável também, que

haverá indivíduos, que compartilham as mesmas idéias, e que continuarão a pertencer à tribo não mais tão visada, e outros aderirão à nova ou às novas tendências.

A efemeridade da tribo Emo parece ser prenunciada por muitos que consideram uma moda passageira, que ganhou nome no trocadilho “*emodinha*”. Existem tribos mais perenes, e outras que desaparecem; os próximos anos deverão mostrar o rumo que o movimento Emo tomará. E um dos fatores que parece apontar para o enfraquecimento da tribo é a falta de orgulho por trás dela, o que pode ser conseqüência do grande preconceito que os Emos sofrem.

No entanto, nas duas comunidades analisadas, foi corriqueiro encontrar tópicos criados por pessoas interessadas em “virar emo”, perguntando aos membros da comunidade sobre dicas de como agir para ingressar no movimento. Geralmente, este tipo de manifestação foi rejeitado pelo grupo, que entende que uma pessoa que deseja “virar emo” de uma hora pra outra é mera vítima do modismo. Na verdade, esta atitude parece favorecer a auto-conservação; um “egoísmo de grupo” que faz com que este possa desenvolver-se de maneira quase autônoma no seio de uma comunidade mais ampla. (MAFFESOLI, 1998, p.130). Mesmo assim, é interessante notar que existem pessoas que são influenciadas pelo Orkut para se juntarem ao movimento, e que podem encontrar na rede de relacionamentos muita informação a respeito, o que permite pensar que esta rede de amizades talvez contribua para o crescimento numérico dos Emos.

Assim, a manifestação virtual também parece refletir esse fenômeno espantoso que é a moda, que nasce da necessidade de se singularizar, mas que não pode existir a não ser afastando-se da imitação mais banal. (MAFFESOLI, 1998). Maffesoli parece estar falando sobre os Emos ao afirmar:

Tanto no que diz respeito ao conformismo das gerações mais jovens, à paixão pela semelhança, nos grupos ou tribos, aos fenômenos da moda, à cultura padronizada, até e inclusive isto que se pode chamar de *unissexualização* da aparência, tudo nos leva a dizer que assistimos ao desgaste da idéia de indivíduo dentro de uma massa bem mais indistinta. (MAFFESOLI, 1998, p. 92).

Nesse sentido o Orkut parece funcionar como uma versão virtual de um ponto de encontro, como uma praça ou a calçada de uma escola em que Emos conversam sobre os mais variados assuntos, praticando *o estar-junto à toa* (MAFFESOLI, 1998).

Quando algum membro de uma comunidade publica uma opinião em um “tópico”, essa opinião e a aparência do membro (foto) podem despertar o interesse de outros Emos, algo como o que poderia ocorrer em uma festa ou show. Caso haja interesse, em um clique já surgem muitas outras informações sobre essa pessoa, o que pode reafirmar ou inibir a vontade de estabelecer uma nova amizade e parece que muitas vezes a vontade se consolida. No entanto, também é possível pensar que a atual popularidade dos celulares e dos programas de conversas instantâneas (como o MSN) que muitas vezes vem a calhar quando se quer combinar algum programa com outras pessoas, podem fazer com que o Orkut fique em segundo plano no quesito sincronia.

Talvez seja mais fácil driblar o preconceito em uma esfera virtual do que real, no entanto, o que se vê é que o preconceito vai além das incontáveis comunidades de ódio, como referimos anteriormente. O fato de que os Emos resistem à essa forte oposição, pode anunciar a força do laço social que parece existir unindo esta tribo no mundo virtual da mesma forma que no mundo real. Traduzindo assim, um possível reflexo da vida social contemporânea.

Curiosamente, as insituições e os indivíduos “reais” parecem precisar desse “outro” odiado e muitas vezes subjugado, real ou virtualmente, para se afirmar e para se definir. E isso, no caso dos Emos, parece estar relacionado às marcas identitárias “alternativas”, pois são pessoas que se jogam em novas experiências, como beijar gente do mesmo sexo, sem medo da opinião alheia ou das conseqüências posteriores, valorizando o prazer imediato.

O trecho a seguir mostra uma interessante semelhança entre os Emos e o dionisíaco: a irrupção de Dionísio é a irrupção do Estranho: “efeminado, perfumado, vestido de maneira diferente, sua aparência, os modos de vida e de pensamento que ele propaga, são chocantes sob vários pontos de vista” (MAFFESOLI, 1998, p. 150).

Como resultado dessa postura sensível e antimachista inerente a tudo que é Emo, tem ganhado força a idéia de que eles são sexualmente flexíveis. Certo parece ser, que a discriminação, assim como a violência, é rechaçada por eles, porque defendem a tolerância e a paz entre todos. Portanto, é digno de nota, o fato de que os Emos parecem ir contra uma tendência de valorização da transgressão, perceptível em outras tribos pós-modernas.

Embora eles preguem a tolerância e a igualdade, não há qualquer engajamento ou luta por esses valores. Eles parecem ser completamente passivos neste sentido, ficam politicamente muito longe de seus campos de interesse. Ao contrário dos *Punks*, por exemplo,

que parecem ser altamente politizados. Os Emos sofrem, afirmam que o mundo é cruel, que a violência é algo horrível, mas ao mesmo tempo se resignam, não tomam partido no combate a isso; parecem reclamar apenas porque não gostam que reprimam suas impressões sobre a vida. Os Emos parecem ser uma afirmação da pós-modernidade.

Acredito caber aqui esclarecer que não pretendo, neste trabalho, atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar marcas identitárias sociais, muito menos de determiná-las. Porém procuro reconhecer que suas proposições têm “efeitos de verdade”, consequências, que consitituem parte das histórias sociais.

Este estudo destaca a necessidade de se prestar atenção às novas identidades presentes no cenário contemporâneo, em especial no que se refere à escola, espaço sócio-cultural que muitas vezes se apresenta como uma arena em que diferentes significados que circulam, se acirram e são tensionados.



O INÍCIO DO FIM

Fazendo referência a um livro lido há alguns anos para uma disciplina chamada “Organização da Escola” – “A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” – de Rubem Alves, lembrei-me, ao final deste trabalho, da seguinte frase: “A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver”, nessa frase está resumida a escola que pude pensar/perceber durante o curso e principalmente em meu estágio obrigatório (2006). No início foi muito difícil, mas quando percebi que as coisas poderiam dar certo, fiquei literalmente encantada com a idéia de que é realmente possível aprender e ensinar com muito prazer. O estágio me mostrou de uma forma prática que a primeira missão da educação é ensinar a ver, a se admirar e a pensar as coisas, pois não existe nada mais fatal para o pensamento do que uma resposta pronta. Na “metade do caminho” percebi que os alunos sentiam alegria, ao sair de casa para ir à escola, eu tinha prazer em aprender e ensinar. Utopia? Não, foi assim mesmo, pode parecer difícil de acreditar, mas, diferente do modelo de escola que estamos acostumados, tentei encorajá-los a pensar, a aprender a dar asas à imaginação.

O sujeito da educação é o corpo, porque é nele que está a vida, é o corpo que quer aprender para poder viver. Nietzsche definia a inteligência como “ferramenta” e “brinquedo” do corpo e resumia o programa educacional do corpo em aprender ferramentas que nos permitam resolver problemas vitais do dia-a-dia e brinquedos, que não tendo utilidade como ferramenta, dão prazer e alegria à alma. Nessas duas palavras, ferramentas e brinquedos, pode estar o *resumo* da minha idéia de educação. Quem aprende ferramentas e brinquedos, está aprendendo liberdade, fica alegre, não fica violento...É o sujeito que se realiza nas ações, fazendo-se plenamente operatório, descentrado e, como tal, de plena autonomia moral e criativa. Foi nessa direção que procurei e procurarei trabalhar.

Assim concluo este estudo preliminar na esperança de que suas considerações possam ser úteis ao desenvolvimento de discussões sociológicas e educacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALVES, Rubem. *A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2002.

BRITZMAN, Débora. O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faced/UFRGS, v.21, n. 1, jan/jun 1996.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE JUVENTUDE. 1. 2008. *Texto base*. Brasília: SNJ, 2008. 23p.

CONJUVE. *Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

COTES, Paloma. Punks no jardim-de-infância. *Época*, São Paulo, n. 403, p. 96-99, Fev. 2006.

DAYRELL, Juarez. (org). *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Técnicas de si e tecnologias digitais*. SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: ULBRA, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria. *www. Identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre música da internet*. Porto Alegre:UFRGS, 2001. 270f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____, Elisabete Maria. *Cenas juvenis em Porto Alegre: “lugarizações”, nomadismos e estilos como marcas identitárias*. SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: ULBRA, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n.2, jul/dez. 1997.

HOUAISS, Antônio. *Mini Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2003.

KOBAYASHI, Érika. Menino beija menino. *Capricho*, São Paulo, n. 989, p. 84-87, Abril. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. FAGED/UFRGS, v.25, n.2, jul/dez 2000.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre. L&PM, 2003.

PEREIRA, Leandro Cavacanti. *A manifestação da tribo Emo no site de relacionamentos Orkut*. Porto Alegre: UFRGS. 2006. TCG Com. Social. Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. *O corpo que pulsa na escola e fora dela*. RIBEIRO, Paula Regina; SILVA, Méri Rosane; SOUZA, Nádia Geisa; GOELLNER, Silvana; SOUZA, Jane Felipe (Orgs). *Corpo Gênero Sexualidade*. Rio Grande. Ed. Da FURG, 2007.

_____. Luís Henrique Sacchi. Um preto mais clarinho ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 22, n.2, jul/dez 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução à teoria do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Identidades para serem exibidas – breve ensaio sobre o Orkut*. SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: ULBRA, 2006.

SOARES, Rosângela & AQUINO, Rosimeri. *Juventude, escola e mídia*. LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (orgs). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.2, jul/dez 1996.

REFERÊNCIAS VIRTUAIS

A REDENÇÃO

Disponível em <http://aredencao.com.br>. Acesso em 06 nov. 2008.

DICIONÁRIO DE MIGUXÊS

Disponível em <http://www.coisinha.com.br/miguxeitor/>. Acesso em 19 out. 2008.

MEIO AMBIENTE

Disponível em www.reciclagem.net. Acesso em 10/10/2008.

ODEIO PRECONCEITO CONTRA EMO - ORKUT

Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=7490174>. Acesso em set, out, nov 2008.

TIRAS – QUADRINHOS

Disponíveis em http://macanudoliniers.blogspot.com/2008_09_01_archive.html

<http://autoliniers.blogspot.com/>

<http://www.porliniers.com/>

Acesso nov 2008.

UM ESTILO CHAMADO EMO! - ORKUT

Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=39677166>. Acesso em set, out, nov 2008.

WIKIPÉDIA

Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>. Acesso em set, out, nov 2008.